

Língua e luta de classes: o *Dread Talk* como registro sociolinguístico de resistência

Marcos Vinícius MARTIM¹

Daniel Nascimento e SILVA²

1 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil;
| marcos.vinicius.martim@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0000-9342-2525>

2 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
| dnsfortal@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-6098-5185>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v22i2.3747>

Resumo: Este artigo discute o *Dread Talk* como registro sociolinguístico de resistência na Jamaica. Articulando estudos marxistas e linguístico-antropológicos, o estudo adota uma perspectiva de análise em que a língua(gem) é concebida como prática social inseparável de condições materiais e ideológicas. Emergente no movimento Rastafari, o *Dread Talk* transforma o inglês e o crioulo jamaicanos por meio de diacríticos como a reassignificação semântica (atribuição de novos sentidos a palavras existentes, como *Babylon* para “Estado opressor”), os *overstandings* (inovações morfológicas que invertem valores negativos, como *overstand* em lugar de *understand*), a *I-formation* (generalização do pronome *I* [eu], como marca de coletividade e espiritualidade) e o fenômeno positivo-negativo (rejeição de termos associados a “morte” ou “inferno”). Essas inovações gramaticais e pragmáticas funcionam como comentários reflexivos que rejeitam valores coloniais e projetam alternativas de vida coletiva e espiritualizada. Conclui-se que o *Dread Talk* constitui uma prática comunicativa decolonial que pode ser lida à luz da sociolinguística da esperança, oferecendo gramáticas de vida diante da necropolítica e abrindo perspectivas comparativas para outros registros de resistência.

Palavras-chave: *Dread Talk*. Rastafari. Registros sociolinguísticos. Luta de classes. Descolonização linguística. Jamaica.

Language and Class Struggle: Dread Talk as a Sociolinguistic Register of Resistance

Abstract: This article explores *Dread Talk* as a sociolinguistic register of resistance in Jamaica. Drawing on Marxist and linguistic-anthropological perspectives, it treats language as a social practice inseparable from its material and ideological conditions. Emerging within the Rastafari movement, *Dread Talk* reworks English and Jamaican Creole through distinctive linguistic features: semantic redefinition (e.g., *Babylon* for the oppressive state), “*overstanding*” (morphological innovations that replace perceived negative or submissive prefixes, such as *overstand* for *understand*), *I-formation* (the generalized use of *I* as a marker of collectivity and spirituality), and the positive-negative principle (the avoidance of words associated with “death” or “hell”). These grammatical and pragmatic innovations operate as reflexive commentaries that reject colonial values while projecting alternative modes of collective and spiritual life. The article concludes by framing *Dread Talk* as a decolonial communicative practice that can be read through a “sociolinguistics of hope” – offering grammars of life in the face of necropolitics and pointing toward comparative research on other registers of resistance.

Keywords: *Dread Talk*. Rastafari. Sociolinguistic registers. Class struggle. Linguistic decolonization. Jamaica.

1. Introdução

A partir de um diálogo entre estudos antropológicos e marxistas da linguagem e da sociedade, este estudo discute o *Dread Talk*, também conhecido por *Iyaric* ou *Rasta Talk*, como um registro sociolinguístico de resistência na Jamaica. Esse registro emergiu em meados do século XX, vinculado ao movimento Rastafari, e se forjou no contato e na tensão entre o inglês padrão – tanto na sua matriz colonial britânica quanto na variedade jamaicana de prestígio – e o crioulo jamaicano. O *Dread Talk* consiste em um repertório de inovações lexicais, fonológicas e semânticas que transformam e ressignificam elementos do inglês e do crioulo, configurando-se como prática comunicativa que materializa a filosofia Rastafari de *word-sound-power* (palavra-som-poder). Ao mesmo tempo, suas formas de falar indicam uma crítica à ordem colonial/capitalista, pragmaticamente oferecendo possibilidades concretas de resistência às condições de dominação econômica, cultural e linguística.

Em uma perspectiva marxista, este artigo parte da visão de que a língua é um fenômeno social complexo e dinâmico, intrinsecamente relacionado às condições materiais, históricas e ideológicas das sociedades que a produzem e reproduzem (Bakhtin, 2010; Grillo, 2017; Medviédev, 2012; Volóchinov, 2019). Mais do que meros instrumentos de comunicação, os usos da língua refletem e refratam as contradições, tensões e lutas presentes nas relações sociais (Bakhtin, 1990; Volóchinov, 2017), especialmente aquelas constituídas no interior de sociedades capitalistas e coloniais (Marx; Engels, 2005; Mbembe, 2014). Examinar o *Dread Talk*, portanto, implica considerar tanto o contexto sócio-histórico em que ele emerge quanto o papel do movimento Rastafari na luta anticolonial jamaicana. Isso significa reconhecer que a análise das práticas comunicativas não pode ser dissociada das condições concretas de vida de seus falantes, nem das relações de poder que atravessam suas interações cotidianas (Bakhtin, 2010).

Do ponto de vista da antropologia linguística, interessa-nos compreender o *Dread Talk* como um registro sociolinguístico, isto é, uma configuração de recursos linguísticos e semióticos tornada socialmente visível e significativa por processos reflexivos que os vinculam a identidades, práticas e posições sociais (Agha, 2007). Blommaert (2010) sustenta que uma análise situada da linguagem é mais precisa quando focaliza práticas contextuais – como registros, repertórios comunicativos ou discursos – em vez de “línguas” concebidas como entidades totalizantes e discretas. O que chamamos de “língua” é, na realidade, um conjunto complexo e interconectado de registros, estilos, discursos e práticas, continuamente adaptados e transformados em resposta a pressões

sociais e contextuais. Conforme Hanks (1996, p. 11), não se trata de negar a sistematicidade da língua, mas de compreender que práticas comunicativas situadas conjugam não apenas “a lei do sistema [linguístico, mas também] a sutileza da atividade e o olhar reflexivo do ator”.

Nessa perspectiva, compreender o *Dread Talk* implica considerar não apenas seus repertórios linguísticos e suas características semântico-gramaticais, mas também as ideologias linguísticas – “crenças, sentimentos e concepções sobre a estrutura e o uso da linguagem que frequentemente indiciam os interesses político-econômicos de falantes individuais, grupos étnicos e outros grupos de interesse, bem como de Estados-nação” (Kroskrity, 2010, p. 192) – que incidem reflexivamente sobre a própria estrutura linguística e oferecem possibilidades de agência (Gal; Irvine, 2019; Moita Lopes, 2013; Silverstein, 1979; Woolard, 1998). Assim, ao empregarem o *Dread Talk* contextualmente, falantes Rastafari ou aqueles que se alinham ao movimento não apenas mobilizam formas linguísticas estruturadas, mas também respondem a condições materiais e ideológicas das interações e da sociedade mais ampla. O *Dread Talk* pode, portanto, ser entendido como prática comunicativa decolonial, cujo estudo é fundamental para documentar e tornar visíveis formas de agência que emergem em situações de opressão e racismo – algo de especial relevância para pensar sociedades desiguais como a Jamaica e o próprio Brasil.

No que se segue, na Seção 2, detalhamos nossa perspectiva teórica, apoiada em análises marxistas e socioantropológicas da linguagem. Na Seção 3, a partir de uma breve sócio-história colonial da Jamaica, discutimos o movimento de formação do *Dread Talk* como o resultado de um processo de enregistramento, isto é, um processo “por meio do qual um repertório linguístico se torna diferenciável dentro de uma língua como um registro de formas socialmente reconhecido” (Agha, 2007, p. 231). Na Seção 4, analisamos o *Dread Talk* a partir da taxonomia de Pollard (2000), dos princípios morfossemânticos descritos por Slade (2018) e do fenômeno positivo-negativo proposto por Schrenk (2015). Esses autores permitem reconhecer que não se trata de um conjunto aleatório de inovações, mas de um registro em que forma e ideologia se articulam. A conclusão sistematiza a perspectiva histórica e a descrição empírica do *Dread Talk*, apontando para o trabalho reflexivo de reexistência (Souza, 2011) e esperança (Silva; Lee, 2024) propiciado por essa prática comunicativa.

2. Perspectiva teórica

Em termos teóricos, como especificado na introdução, este artigo conjuga uma perspectiva marxista da linguagem com uma perspectiva linguístico-

antropológica. Apresentamos, abaixo, as bases mais gerais dessas perspectivas, que nos auxiliarão no tratamento empírico do *Dread Talk*.

2.1. Uma visão marxista do significado

Uma perspectiva marxista é fundamental para compreender práticas comunicativas na Jamaica, pois permite situá-las nas condições materiais e históricas engendradas pelo colonialismo. A formação do “Novo Mundo” implicou uma reorganização global que colocou a Europa ocidental no centro, estabelecendo hierarquias entre povos e culturas e instituindo uma divisão racial do trabalho intrinsecamente vinculada à exploração de classe (Dussel, 2005; Lander, 2005; Mbembe, 2014; Ribeiro, 2001). Nesse arranjo, as sociedades escravistas modernas se estruturaram por meio de construções interessadas de classe e raça, configurando uma matriz em que europeus proprietários e africanos ou indígenas escravizados ocupavam polos opostos de uma ordem socioeconômica profundamente racializada e desigual (Rocha, 2013; Williams, 2012).

Numa análise marxista, a linguagem não pode ser dissociada da luta social. O signo linguístico cristaliza tensões históricas e contradições de classe, sendo uma arena de disputa de valores em que os sentidos refletem e refratam relações de poder (Bakhtin, 1990; Medviédev, 2012; Volóchinov, 2017). As práticas de linguagem são moldadas pelas condições materiais de existência e, ao mesmo tempo, participam da reprodução ou da transformação dessas condições (Radics; Kelemen, 1988). Uma análise marxista permite, portanto, entender a língua não apenas como sistema, mas como prática social situada em contextos de exploração, resistência e criação.

Embora processos de crioulização linguística possam ocorrer em diferentes contextos de contato (Thomason; Kaufman, 2023), no Caribe, eles foram inseparáveis da violência colonial. O encontro forçado entre europeus, africanos e povos indígenas gerou não apenas destruição, mas também reinvenção de formas de sociabilidade e comunicação. As línguas crioulas que resultaram dessa dinâmica são produtos históricos do colonialismo e do capitalismo nascente, marcadas pela perda de organizações culturais originais e pela necessidade de criar novos repertórios sob condições de opressão (Arends, 1996; Mintz, 2010; Eriksen, 2019). O “milagre da crioulização” é, assim, expressão de criatividade e sobrevivência em meio à dominação (Trouillot, 1998).

Na Jamaica, a crioulização da língua – articulada às estruturas raciais e de classe da sociedade escravista – produziu não só o crioulo jamaicano, mas

também repertórios comunicativos que respondem diretamente ao legado colonial. Esse fluxo criativo resultou da convivência forçada entre populações locais, colonizadores europeus e africanos escravizados, num processo que reorganizou territórios, práticas culturais e sistemas de comunicação (Brathwaite, 1971; Wilson, 1998). Embora historicamente estigmatizadas, essas formas de fala testemunham tanto a violência da colonização quanto a agência dos sujeitos que, sob condições adversas, reinventaram a língua e a vida social.

Dessa forma, compreender a Jamaica atual exige reconhecer que a língua é produto e expressão de relações históricas de poder. A variação e a mudança linguística não são, portanto, processos neutros (Irvine; Gal, 2000; Thomason; Kaufman, 2023); estão atravessados por antagonismos de classe e disputas dos valores que definem prestígio, legitimidade e pertencimento social (Calvet, 2005; Oliveira, 2007; Schiffman, 1996). Nesse sentido, as línguas crioulas e seus desdobramentos devem ser entendidos como práticas que condensam a história da luta de classes no espaço colonial e pós-colonial, refletindo ao mesmo tempo a opressão e a criatividade dos povos submetidos à diáspora e ao colonialismo.

2.2. Uma perspectiva linguístico-antropológica do significado

Como na tradição marxista descrita acima, a antropologia linguística estuda a linguagem fundamentalmente como prática social, inseparável dos contextos históricos, materiais e ideológicos em que se realiza (Bauman; Briggs, 2003; Duranti, 1997; Gumperz, 1982; Hymes, 1974). Essa perspectiva recusa a separação entre estrutura linguística formal e vida social e privilegia uma análise que toma os usos concretos da linguagem como ponto de partida. Hanks (1996) sistematiza essa abordagem ao propor a noção de *prática comunicativa*. Contrariamente a propostas formais de análise que enxergam a forma linguística de maneira autônoma, independente da vida social, a visão de prática comunicativa articula o estudo dos recursos linguísticos com os enquadres interpretativos e posicionamentos subjetivos no mundo social. Em vez de conceber a linguagem como instrumento denotacional, que meramente designaria uma realidade anterior e independente da ação linguística dos sujeitos no mundo, uma abordagem da prática comunicativa encara a linguagem como forma de agência, prática em que os sujeitos continuamente constituem seus sistemas de orientação, seu posicionamento e sua ação no mundo. Normalmente, teorias formais assumem que as “formas linguísticas são partilhadas por um grupo particular de falantes” (Duranti, 1997, p. 163). Mas essas teorias, de forma geral, não se preocupam com as condições de possibilidade sociais e políticas que tornam essa partilha possível – ou que a interditam, como é o caso do acesso a registros padronizados das línguas (Agha, 2003; Bourdieu, 1996).

Hanks (1996, p. 229) parte do princípio de que, para interagirem verbalmente, dois ou mais sujeitos não precisam “partilhar” a mesma gramática, mas sim “habilidades de orientação verbal, perceptual e física no mundo social”. Essa visada sobre orientação interacional no mundo, não ancorada na partilha essencial de um “mesmo” sistema, é fundamental para a compreensão de contextos sociolinguisticamente complexos como a emergência do *Dread Talk*, que ressignifica positivamente registros ou variedades falados por grupos minoritarizados. Entendendo a atividade linguística como fato social, Hanks (1996, p. 11) define prática comunicativa como o ponto de convergência de três aspectos: “a lei do sistema, a sutileza da atividade e o olhar reflexivo do ator”. Nessa visão, nossa orientação espaço-temporal em contextos comunicativos fluidos e dinâmicos, em contínua mutação, é intimamente dependente da triangulação entre a ação linguística, a forma semiótica ou linguística e a ideologia do uso. Uso e reflexão sobre o uso – isto é, pragmática e metapragmática – caminham de mãos dadas nessa abordagem (Silverstein, 1976, 1993; Briggs, 2007). Enquanto a pragmática remete ao modo como os enunciados produzem efeitos práticos de sentido em situações concretas de interação, a metapragmática diz respeito a comentários, avaliações e ideologias que enquadram e regulam esses usos. Em outras palavras, a primeira lida com o funcionamento da língua na prática, e a segunda, com as formas de reflexividade e de controle social que tornam esse funcionamento interpretável e significativo (Silva, 2014).

A perspectiva da antropologia linguística investe seriamente na força que a reflexividade e as racionalizações dos falantes exercem sobre a estrutura e o uso da língua. Michael Silverstein (1979) propôs o conceito de ideologia linguística de forma a sistematizar essa interação entre reflexividade e forma. Ele definiu ideologias linguísticas como “conjuntos de crenças e pressuposições sobre a língua articulados pelos falantes como justificativas ou racionalizações de estruturas e usos percebidos” (Silverstein, 1979, p. 193). Ao empregar certas formas, falantes também projetam avaliações sobre adequação, legitimidade ou prestígio, de modo que cada ato de fala se inscreve em regimes ideológicos específicos. Exemplos clássicos incluem os sistemas pronominais de línguas como o francês (*tu/vous*), o português (*tu/você, senhor/senhora*) e o alemão (*du/Sie*), nos quais distinções estruturais são indissociáveis de valores sociais sobre respeito, hierarquia e distância. Ao situar ideologia no cerne da atividade linguística, Silverstein rompe com a ideia de uma neutralidade descritiva: linguistas e outros observadores especializados também realizam suas análises sobre a linguagem no interior de ideologias (Irvine; Gal, 2000, p. 47-59).

Nessa perspectiva, as ideologias linguísticas configuram formas de agência, ainda que sempre moduladas e tensionadas pelas possibilidades estruturais das

línguas e pelos mecanismos de desigualdade que atravessam as sociedades. Ideologias linguísticas compreendem o terreno em que usos linguísticos são avaliados, sancionados ou ressignificados, abrindo espaço para a inovação e para a resistência (Moita Lopes, 2013; Kroskirty, 2010; Woolard, 1998). Desse modo, compreender práticas comunicativas implica observar como diferentes comunidades produzem reflexões sobre a língua, reflexões que incidem diretamente na estrutura linguística, influenciam processos de mudança e orientam projetos coletivos de identidade. A agência linguística, portanto, não reside apenas na escolha individual de recursos, mas na possibilidade de reconfigurar, por meio do uso e sob constrangimentos sociais variados, os valores atribuídos a esses recursos.

É nessa perspectiva que propomos entender o *Dread Talk* como um recurso comunicativo reflexivo – ou um registro sociolinguístico – de importante eficácia para membros do Movimento Rastafari. Segundo Agha (2015), registros são modelos culturais de ação social que vinculam conjuntos de recursos linguísticos e semióticos a identidades, estilos de pessoa e valores coletivos. Não se trata apenas de repertórios de formas, mas de configurações reflexivamente reconhecidas como distintas de outros registros, às quais se atribui consistência e coerência histórica. Registros são cristalizações ou uma fase do enregistramento (*enregisterment*), isto é, “o processo sociocultural que inclui (1) a socialização dos usuários de um registro em enquadres de participação que relativamente estabilizam os valores denotacionais e indexicais do registro e (2) o trabalho metapragmático de instituições e discursos que, de modo reflexivo, produzem critérios, normas e avaliações para sua organização discursiva e o situam no terreno estratificado de uma sociedade” (Silva, 2022, p. 241; *ver também* Borba, 2022).

O caso do enregistramento da pronúncia padrão do inglês britânico, ou *Received Pronunciation* (RP), analisado por Agha (2007), exemplifica o processo. Inexistente como categoria reconhecida no século XVII, o acento RP foi gradualmente racionalizado por gramáticos, manuais de etiqueta, obras literárias e instituições educativas nos séculos XVIII e XIX, até consolidar-se como um emblema hoje reconhecido de autoridade e “refinamento”. Tornou-se, desse modo, um recurso de distinção social e, mais tarde, uma mercadoria cultural circulada pela mídia. Esse exemplo mostra que registros emergem de processos históricos de atribuição de valor semiótico e de estabilização de associações indexicais (isto é, do enregistramento). Em termos mais amplos, a perspectiva linguístico-antropológica do significado evidencia que práticas como o *Dread Talk* só podem ser compreendidas se vistas nesse entrecruzamento entre práticas comunicativas, ideologias linguísticas e processos de enregistramento

– uma abordagem que permitirá, nas próximas seções, situar a especificidade da experiência linguística e cultural jamaicana.

3. O enregistramento do *Dread Talk* na história colonial da Jamaica

3.1. Crioulização e violência colonial

Para compreender o *Dread Talk* como registro sociolinguístico de resistência, é preciso reconhecer os processos coloniais e linguísticos que moldaram a Jamaica. Antes da chegada europeia, a ilha era habitada pelos Taínos, povo de matriz Aruaque oriundo da região da atual Guiana. Agricultores, pescadores e navegadores, os Taínos estabeleceram aldeias estáveis e chegaram a totalizar cerca de 60 a 100 mil habitantes por volta de 1490 (Gritzner, 2004). A invasão espanhola, em 1509, levou ao colapso quase completo dessa sociedade em poucas décadas, devido às doenças, à violência bélica e ao trabalho forçado. O vazio demográfico aberto pela erradicação dos Taínos foi preenchido, a partir do século XVII, pela escravização em larga escala de africanos.

Em 1655, a ilha foi tomada pelos britânicos e incorporada ao império. A Jamaica tornou-se peça-chave da economia atlântica baseada no açúcar: grandes *plantations*, trabalho compulsório e altas taxas de mortalidade entre os escravizados. No século XVIII, chegou a ser a principal produtora mundial de açúcar, enriquecendo uma minoria branca enquanto mantinha a maioria da população sob exploração brutal (Bakan, 1990; Gardner, 2005). O sistema escravista não era apenas econômico: implicava uma ordem simbólica e política na qual africanos eram inferiorizados ontologicamente, descritos como bárbaros e incapazes, o que servia como justificativa para sua posição social (Chevannes, 1994; Šilberský, 2011). Ideologias linguísticas desempenharam papel central nesse processo: enquanto o inglês era associado à civilização e ao poder, as práticas comunicativas africanas eram vistas como sinais de atraso.

Dessa violência emergiu o crioulo jamaicano, resultado do contato entre línguas africanas (sobretudo de matriz Akan/Twi, Igbo, Yoruba, Fula, Efik e Kongo), o inglês colonial e, em menor escala, o espanhol e a língua Aruaque dos povos indígenas. Esse processo de crioulização linguística, estabilizado já no final do século XVII (Clampett, 2011; Miština, 2016), expressou simultaneamente destruição e criatividade. Trouillot (1998) chamou esse fenômeno de “milagre da crioulização”: sujeitos despojados de suas instituições sociais foram capazes de reinventar repertórios comunicativos sob condições de opressão. O crioulo

tornou-se a língua materna da maioria da população e um recurso fundamental de sobrevivência cultural, mesmo que estigmatizado pelas elites coloniais.

3.2. Estratificação sociolinguística e contestação

Ao longo de mais de três séculos, consolidou-se na Jamaica um sistema de hierarquias sociais que foi, em grande medida, articulado por hierarquias linguísticas. O crioulo jamaicano, falado pela imensa maioria da população negra, foi reiteradamente associado à pobreza e à falta de educação, enquanto o inglês jamaicano padrão (IJP) se consolidou como variedade de prestígio, usado pela elite branca e, mais tarde, por segmentos médios em busca de ascensão social (Westphal, 2015). Como observou Decamp (1971), a inferioridade atribuída ao crioulo não era estrutural, mas social: tratava-se de ideologias linguísticas que associavam variedades linguísticas a posições de classe e raça. Até hoje, lembra Farquharson (2015), a fluência no IJP é vista como requisito para mobilidade social, perpetuando a assimetria.

Ao longo de mais de 350 anos, sedimentou-se na sociedade jamaicana uma profunda estratificação. Henriques (1953) descreve esse processo como um sistema cor-classista (*colour-class system*), fortemente ligado à realidade linguística da ilha. Nesse arranjo, o *status* social se construiu em associação direta não apenas com a cor da pele de uma pessoa, mas também com o registro ou a variedade sociolinguística que ela falava (Miština, 2016). Patrick (2000), ao compreender o contexto jamaicano como um contínuo, sugere que esse modelo mostra algo essencial: a variação no comportamento linguístico acompanha a variação social e, de forma ainda mais clara, articula a estratificação ao longo de uma hierarquia social. Isso significa que o crioulo jamaicano, tendo florescido às margens das narrativas históricas hegemônicas – em navios mercantes, plantações, minas e colônias, quase sempre sob duras condições de privação –, passou a operar, no curso de sua existência, como marcador da identidade étnica não branca e, de modo ainda mais destacado, como marcador da identidade negra desde a era das plantações (Sato, 1991).

Essa estratificação não se limitou ao plano simbólico, mas marcou concretamente trajetórias sociais. Falar crioulo significava estar associado às camadas populares, enquanto dominar o inglês de prestígio representava acesso à educação, ao emprego formal e ao reconhecimento. A correlação entre língua e cor da pele estruturou uma ordem duradoura, em que o signo linguístico cristalizava (mas também era arena de lutas em torno de) desigualdades históricas (Volóchinov, 2017).

Essa ordem nunca foi aceita passivamente. Desde o período escravista, a Jamaica foi palco de rebeliões e movimentos de resistência – das insurreições de 1690 e 1760 à revolta batista de 1831, da insurreição de Morant Bay em 1865 ao levante popular de 1938 (Chevannes, 1994; Higman, 2005). Esses episódios questionavam não apenas a exploração econômica, mas também a ideologia linguística que inferiorizava o crioulo, produzindo fissuras no regime de prestígio e abrindo caminho para novas formas de valorização da linguagem popular.

3.3. Rastafari e o enregistramento do *Dread Talk*

O movimento Rastafari surgiu na Jamaica no início dos anos 1930, articulando espiritualidade, política e cultura em resposta à marginalização da população negra. Inspirado pelas ideias de Marcus Garvey (Cronon, 1955; Martin, 1976), que defendia o orgulho racial e o pan-africanismo, e catalisado pela coroação de Haile Selassie I como imperador da Etiópia em 1930 (King, 2002), o movimento elaborou uma cosmologia que opunha *Babylon* – símbolo do colonialismo, do racismo e do capitalismo ocidental – a *Zion*, emblema da libertação e da centralidade africana (Chevannes, 1994). Essa cosmologia se materializou em práticas como o cultivo dos *dreadlocks*, a alimentação *Ital*, o uso ritual da *cannabis* e, sobretudo, em uma filosofia da linguagem: a noção de *word-sound-power*.

Esse último conceito mostra o papel das ideologias linguísticas no movimento Rastafari. Ao rejeitar o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, os Rastafari sustentam que as palavras possuem poder intrínseco, capaz de evocar imagens, incitar emoções e transformar consciências (Homiak, 1995). Em linha com a noção de performatividade (Austin, 1962), para eles, falar não é apenas comunicar, mas agir no mundo. Essa concepção abriu espaço para o enregistramento de um repertório comunicativo próprio, associado a imagens específicas de pessoa e a relações sociais alternativas: o *Dread Talk*, que ressignifica elementos do inglês e do crioulo para expressar uma visão de mundo distinta (Pollard, 2003; Storr, 2002).

O processo de enregistramento do *Dread Talk* começou a tomar forma no final da década de 1940. Os primeiros enquadres de participação dos sujeitos que agregaram repertórios desse registro foram os grupos Rastafari em Kingston, comunidades rurais e as sessões de *reasoning*, nas quais a fala era usada como instrumento de reflexão e crítica coletiva. Nessas interações, falantes rejeitavam explicitamente o inglês padrão e criavam formas alternativas. Um exemplo central é a preferência pelo pronome “I” (*eu*, caso nominativo) em lugar de “me” (*eu*, caso acusativo). No inglês padrão, *I* ocupa a posição de sujeito, enquanto *me* ocorre em posição de objeto; no *Dread Talk*, contudo,

a forma / é estendida a contextos em que se esperaria *me*, adquirindo um valor que ultrapassa a função gramatical. Essa escolha não é apenas formal: constitui um comentário metapragmático implícito que desloca a ênfase do indivíduo isolado para um *eu* coletivo e espiritualizado, como em “I-and-I” (*eu e eu*, expressão que significa a unidade entre indivíduo e comunidade/divino) ou “Iration” (*I-criação*, aludindo à criação do mundo). Esses usos indiciam a filosofia Rastafari – o que examinaremos mais detidamente a seguir.

Nas décadas de 1960 e 1970, o *Dread Talk* expandiu-se para públicos muito mais amplos com a difusão do *reggae*. Artistas como Count Ossie, Burning Spear e Bob Marley empregavam a linguagem em letras, entrevistas e *performances*, associando suas formas a mensagens de resistência, espiritualidade e identidade negra. A música popular funcionou como gênero discursivo eficaz nesse processo de enregistramento, sedimentando associações indexicais entre o *Dread Talk* e os valores Rastafari. A circulação musical deu ao registro um alcance nacional e, em pouco tempo, internacional, garantindo-lhe uma visibilidade que ultrapassava os limites das comunidades de origem (Manget-Johnson, 2008; Zajac, 2011).

Ao mesmo tempo, multiplicaram-se comentários públicos sobre a linguagem Rastafari. Jornais, programas de rádio e até estudos acadêmicos passaram a descrever suas formas e a discutir seu significado. Como Agha (2003) mostrou no caso do acento padrão do inglês (*Received Pronunciation*), a reflexividade pública é essencial para estabilizar um registro. Algo semelhante ocorreu com o *Dread Talk*: ao se tornar objeto de comentários metapragmáticos – ora de valorização, ora de estigmatização –, ele passou a ser percebido, nomeado e contrastado como uma maneira de falar distinta. Esse movimento consolidou seu estatuto como registro socialmente identificável (Pollard, 2003).

A partir dos anos 1970, com a internacionalização do *reggae* e da poesia dub, o *Dread Talk* passou a circular em contextos diaspóricos e a operar como emblema de resistência negra global. Poetas como Mutabaruka e Linton Kwesi Johnson expandiram seus usos para comunidades caribenhas em Londres e Nova Iorque, reforçando sua associação com consciência política e crítica social (Bucknor, 2011; Martín Matas, 2005). Ao desvincular-se parcialmente de sua origem local e ganhar novo fôlego em outros territórios, o registro tornou-se um recurso identitário transnacional, com diferentes camadas de reconhecimento e valor.

Assim como no caso do RP analisado por Agha (2003), o enregistramento do *Dread Talk* foi um processo gradual, que envolveu a socialização de falantes do *Dread Talk* em cadeias interconectadas de eventos comunicativos, gêneros

discursivos também interconectados (como a música e a poesia dub), reflexividade pública e sedimentação histórica. Mas, ao contrário do RP, não se tratava de converter uma variedade regional em padrão de prestígio, e sim de transformar práticas marginalizadas em registro de resistência. O *Dread Talk* emergiu como recurso comunicativo reflexivamente reconhecido, que indicia uma cosmologia Rastafari e, ao mesmo tempo, uma crítica radical à ordem colonial/capitalista.

O percurso histórico do *Dread Talk* mostra como práticas inicialmente restritas a enquadres de participação mais específicos entre os Rastafari tornaram-se um registro sociolinguístico amplamente reconhecido, articulando identidade, resistência e crítica à ordem colonial/capitalista. Para entender de modo mais detido esse processo de enregistramento, é necessário examinar como ele se materializa na própria estrutura linguística. A ideologia Rastafari se corporifica a partir da conjunção entre a pragmática (isto é, o uso contextual de formas lexicais, fonológicas e morfossintáticas específicas) e a metapragmática – como a rejeição de *me* em favor de *I*. É a essa dialética concreta que nos voltamos na seção seguinte.

4. Formas e ideologias no *Dread Talk*: análise linguística e metapragmática

O processo de enregistramento do *Dread Talk* dependeu, além da história social que resumimos na seção anterior, de inovações linguísticas que foram formuladas e racionalizadas por agentes do movimento Rastafari e se tornaram amplamente conhecidas na Jamaica e em outros territórios. A análise linguística do registro revela como escolhas fonológicas, lexicais e pronominais materializam a filosofia Rastafari, constituindo comentários metapragmáticos sobre o inglês e o crioulo. Nesta seção, seguimos a taxonomia proposta por Pollard (2000) e estudos posteriores (Slade, 2018; Schrenk, 2015) para sistematizar os principais diacríticos formais e pragmáticos do *Dread Talk*, entendendo-os como um agregado de recursos formais e práticas reflexivas que sustentam sua circulação social.

4.1. Quatro categorias de inovação linguística segundo Velma Pollard

Velma Pollard (2000) desenvolve uma taxonomia sistemática que evidencia a estruturação gramatical e metapragmática do *Dread Talk* por meio de quatro categorias. Essa classificação é um ponto de partida fundamental porque mostra que o registro não se limita a inovações lexicais isoladas, mas possui uma lógica interna, sustentada por reflexividade metapragmática e associada à

filosofia Rastafari de *word-sound-power*. As quatro categorias – Resignificação Semântica, Motivação Fonológica, Sistema /ai/ e Neologismos Originais – são, assim, manifestações formais daquilo que discutimos anteriormente como enregistramento: processos nos quais práticas linguísticas, inicialmente restritas a grupos locais, tornam-se socialmente reconhecidas, comentadas e circuladas em diferentes enquadres de participação.

A **Categoria I, Resignificação Semântica**, compreende itens lexicais conhecidos que recebem novos significados, reinterpretados a partir de valores Rastafari. Exemplos incluem *Babylon* para representar o *establishment* (*status quo*), e mais estreitamente a polícia; *baldhead* para um indivíduo não-Rasta; e *chalice* para o *chillum pipe*, cachimbo usado no consumo ritual da *cannabis*. Esses usos não são meras metáforas: são reinterpretações que indiciam imagens de pessoa e posições sociais específicas. Quando um Rastafari chama a polícia de *Babylon*, está não apenas nomeando uma instituição, mas inserindo-a em um sistema simbólico mais amplo que opõe opressão (*Babylon*) e libertação (*Zion*). Trata-se de um comentário metapragmático em que a língua é usada para redefinir termos do mundo social.

A **Categoria II, Motivação Fonológica**, reúne palavras em que os falantes Rastafari exploram as implicações sonoras e morfológicas para redefinir significados. Um exemplo central é o neologismo *to overstand*, criado em oposição à forma padrão *to understand* (“entender”). *Understand* combina os morfemas *under* (“sob”) e *stand* (“ficar de pé”). A substituição operada pelo *Dread Talk* pressupõe, em primeiro lugar, que *understand* pode ser interpretado, numa visão motivada do signo linguístico, como “ficar sob” uma ideia, posição associada à subordinação. Em segundo lugar, projeta que *overstand* – a combinação de *over* (“sobre”) e *stand* (“ficar de pé”) – exprime uma compreensão superior, em que o sujeito se coloca acima da ideia, em posição de domínio e clareza. Outro exemplo é a substituição de *deadline* (“prazo, data limite”) pelo substantivo inovador *lifeline*. O termo original *deadline* combina os morfemas *dead* (“morto”) e *line* (“linha”), que podem ser interpretados, nessa mesma visão não arbitrária do signo, como evocando um limite fatal. No *Dread Talk*, essa estrutura é rejeitada e substituída por *lifeline*, formado por *life* (“vida”) e *line* (“linha”), invertendo a carga semântica: em vez de uma “linha da morte”, temos uma “linha de vida”, associada à continuidade, vitalidade e esperança. Esses exemplos mostram que as inovações não se reduzem a meros jogos lexicais, mas constituem comentários metapragmáticos que explicitam a filosofia Rastafari: a rejeição de formas associadas à negatividade e à subordinação e a produção de alternativas que reforçam valores de vitalidade, clareza e emancipação.

A **Categoria III corresponde ao sistema /ai/**, que emergiu como o som mais poderoso na linguagem Rastafari. A base filosófica desse sistema estabelece que *I*, o eu, é o *self* de grande importância, e *eye* (olho) é a janela da alma, representando o sentido mais nobre: a visão. Nesse contexto, o ditongo /ai/ torna-se um diacrítico fundamental da fala Rastafari. Expressões como *I-and-I* ou *Iration* materializam essa centralidade, deslocando a primeira pessoa do singular de um sujeito isolado (*me*) para um sujeito coletivo e espiritualizado (*I*). Do ponto de vista gramatical, trata-se de uma reinterpretação significativa: *me* é o pronome acusativo do inglês, normalmente usado para marcar objeto (*he saw me*), enquanto *I* é o pronome nominativo, reservado a posições de sujeito (*I saw him*). Ao privilegiar *I* em todos os contextos, os falantes Rastafari rejeitam a associação do *me* à condição de objeto, de dependência, e reforçam *I* como emblema de agência e presença divina. Como mostrou Slade (2018), esse uso é explicitamente metapragmático: um comentário sobre a própria estrutura gramatical do inglês e sobre os valores sociais e espirituais que ela pode veicular. O sistema /ai/ é, portanto, não apenas fonológico, mas também ideológico: cada ocorrência reinscreve valores Rastafari na própria estrutura do enunciado.

Por fim, a **Categoria IV, Neologismos Originais**, reúne palavras totalmente novas, criadas a partir de recombinações do próprio repertório Rastafari. Um exemplo notável é *dunny/dunney/dunza*, empregado em lugar de *money* (“dinheiro”). A forma pode ter se originado da expressão inglesa *soon done* (“acabar logo”), sugerindo a ideia de que o dinheiro é algo passageiro, que desaparece rapidamente. Ao renomear *money* com um termo depreciativo, o *Dread Talk* não apenas cria uma inovação lexical, mas também inscreve uma crítica social explícita: a instabilidade do capital e sua incapacidade de oferecer segurança ou valor duradouro. Nesse sentido, o neologismo condensa criatividade linguística e comentário metapragmático. Ele ironiza a centralidade que o dinheiro ocupa na ordem ocidental, marcada pelo consumismo e pela acumulação, e reafirma uma filosofia Rastafari de distanciamento em relação ao materialismo. Assim, esses neologismos funcionam como lembretes discursivos de que a linguagem pode ser usada para resistir à naturalização de valores capitalistas e para projetar formas alternativas de imaginar a vida social.

O Quadro 1, a seguir, ilustra três dessas categorias, com exemplos representativos:

Quadro 1. Taxonomia de Pollard

CATEGORIA I		
Grafia adaptada/ "original"	Dread Talk (novo sentido)	Contexto de uso
Faawod (forward)	<i>Leave</i>	<i>I-man a faawod.</i>
Stiep (step)	<i>Leave; go</i>	<i>I-man a stiep.</i>
Baal ed (bald head)	<i>Non-Rasta; bald</i>	<i>Me ah dred; yu ah baal ed.</i>
Babilan (babylon)	<i>Policeman; the State</i>	<i>Dem kiem a babilan fi pik op I-man</i>
CATEGORIA II		
Dread Talk	Implicação fonológica	
Ublain (U-blind)	A universidade e todas as pessoas que estão lá. Aos olhos dos Rasta, elas não viram a verdade e, portanto, estão cegas.	
Blaingarret	Cigarette. Observe novamente o som see. /a so wi kaal it yu nuo blaingarret/.	
Ovastan (overstand)	Se você está no controle de uma ideia, deve se posicionar acima dela.	
Daupress (downpress)	Se você está sendo pressionado para baixo, como o pobre Rastaman geralmente se vê, essa pressão não pode ser para cima (up /ʌp/).	
CATEGORIA III		
Dread Talk	"Original"	
I-wa	<i>Time</i>	
I-ration	<i>Creation</i>	
I-tal	<i>Vital</i>	
I-rie	Nice; right; good	

Fonte: adaptado de Pollard (2000)

A criatividade que impulsionou o desenvolvimento do *Dread Talk* forjou, portanto, um registro reconhecível, sistemático e capaz de marcar identidades e posicionamentos sociais. Entre os recursos desse registro estão modificações fonológicas que se apoiam na sistematicidade do crioulo jamaicano, mas que ganham novos valores dentro da filosofia Rastafari. Pollard (1980) observa, por exemplo, que a vogal /a/, associada ao som /ɔ/ na variedade de prestígio do inglês, sofre alterações regulares no crioulo jamaicano e é exagerada no *Dread Talk*. Essa estratégia aparece em palavras como /fram/ (padrão *from*) e /plantieshan/ (padrão *plantation*), constituindo não apenas um traço fonético, mas também uma marca ideológica: uma sonoridade que se distancia deliberadamente das normas do inglês de prestígio e se afirma como índice de diferença e resistência.

Um exemplo particularmente revelador é o verbo *trod*. Nos dicionários, *trod* é simplesmente o particípio passado de *tread* (“pisar, andar sobre”). No *Dread Talk*, porém, *trod* é reanalisado fonológica e semanticamente como verbo autônomo com sentidos ampliados, como “sair”, “seguir caminho” ou “empreender uma jornada longa” (Manget-Johnson, 2008). Esse deslocamento mostra como uma forma fonológica existente pode ser reinscrita no registro Rastafari, adquirindo novos valores pragmáticos. Pollard (2000) nota ainda que o uso exclusivo de *trod* nesse sentido acabou sendo absorvido pelo inglês jamaicano padrão (IJP), contribuindo para o enfraquecimento da forma original *to tread*.

O Quadro 2 traz a transcrição da fala de um rastafari em que se observa a substituição habitual do som /o/ pelo som /a/.

Quadro 2. Exemplo de pronúncia do *Dread Talk*

<i>Dread Talk</i>	Variedade Padrão	Tradução
briekin fram di oul plaantieshan sistim di rastafieran a di fers man dat staat gyaadn plaantin rait nou dem se bwai dem naa dipen paa no man dem naa dipen paa no big man fi get chruu dem jos a do a likl aam selfrilians yu nuo dem a go plaant op vegitebl, ailalu an aal den ting de	breaking from the old plantation system the Rastafarian is the first man that start(ed) garden planting right now they say boy they are not depending on any man not depending on any big man to get through they are just doing a little self-reliance you know they are going to plant up vegetables, calalu and all those things	rompendo com o antigo sistema de plantation o rastafari foi o primeiro homem que começou a plantar hortas agora eles dizem, rapaz, que não estão dependendo de ninguém não estão dependendo de nenhum “grande homem” para se virar eles estão só praticando um pouco de autossuficiência, sabe vão plantar legumes, caruru e essas coisas todas

Fonte: Adaptado de Pollard (1980)

O caso de *trod* ilustra, portanto, como o *Dread Talk*, como registro, articula criatividade linguística e circulação social, produzindo inovações que ultrapassam o espaço Rastafari e incidem sobre outras variedades linguísticas da ilha.

4.2. *Overstanding e I-formation: a análise de Benjamin Slade (2018)*

Benjamin Slade (2018) retoma e aprofunda a discussão de Pollard, enfatizando que as inovações do *Dread Talk* seguem princípios produtivos de reinterpretação morfossemântica. O primeiro deles é o *overstanding*, que generaliza a lógica da Categoria II (motivação fonológica) ao propor uma reforma sistemática de termos percebidos como carregados de conotações negativas. Como

vimos, em vez de aceitar a arbitrariedade do signo linguístico, o *Dread Talk* racionaliza a forma de algumas palavras e as ajusta à cosmologia Rastafari. Assim, *understand* é substituído por *overstand*, como já se viu. Esse mesmo mecanismo gera outros pares contrastivos, como *outformer* (contra *informer*), *apprecilove* (contra *appreciate*, reanalisado como *apprecil-hate*) e *livicate* (contra *dedicate*, associado a *dead*). Essas oposições lexicalizam, de maneira explícita, a polaridade *Babylon/Zion*: de um lado, termos ligados a opressão, engano e morte; de outro, formas que evocam vida, unidade e libertação.

Quadro 3. *Overstandings*

<i>Dread Talk</i>	Forma original	Conotação rejeitada	Conotação Rastafari
<i>outformer</i>	<i>informer</i>	“delator, dedo-duro”	rejeição a espiões ligados a Babylon
<i>apprecilove</i>	<i>appreciate</i>	leitura como <i>apprecil-hate</i> (ódio)	amor, reconhecimento positivo
<i>livicate</i>	<i>dedicate</i>	associação com <i>dead</i> (morte)	vida, devoção espiritual

Fonte: adaptado de Slade (2018)

Essas reformulações mostram que a inovação lexical do *Dread Talk* é sempre também um comentário metapragmático: a língua inglesa é tratada como enganosa e opressiva, cabendo ao registro Rastafari reconfigurá-la de acordo com valores de vitalidade e emancipação.

O segundo processo identificado por Slade é a *I-formation*, mais ampla e produtiva que os *overstandings*. Ele consiste na substituição da sílaba ou do segmento inicial de uma palavra pelo ditongo /ai/, representado graficamente pelo pronome *I* (“eu”). Assim, *unity* torna-se *Inity* e *food* transforma-se em *yood*. O princípio aqui não é apenas fonológico: o som /ai/ condensa o valor do “eu” espiritualizado e coletivo, presente em expressões como *I-and-I* ou *I-man*. Esse mecanismo reforça a centralidade do sujeito Rastafari como agente da palavra, marcando cada enunciado com a presença da divindade.

Como já discutido na seção 4.1, a *I-formation* também altera a gramática pronominal. Em lugar do acusativo *me* (marcador de objeto) ou do *mi* do crioulo jamaicano, o *Dread Talk* generaliza o uso de *I* em todas as funções, inclusive possessivas, como em *I-man* ou *I-n-I*. Trata-se de uma escolha explicitamente metapragmática, pois recusa a conotação de passividade ou dependência ligada ao pronome *me* e reafirma *I* como índice de agência e dignidade. O Quadro 4 demonstra como o sistema pronominal foi reformulado no *Dread Talk*.

Quadro 4. Formas pronominais em inglês, crioulo jamaicano e *Dread Talk*

Pessoa	Inglês padrão	Crioulo jamaicano	<i>Dread Talk</i>
1ª singular	I; me; my	mi	I; I-man; I-n-I
2ª singular	you; your	yu	de I; de I-man (“thy”)
3ª singular	he; she; it; him...	im (i; shi; ar)	im; i; shi
1ª plural	we; us; our	wi	I-n-I
2ª plural	you (all); your	yu; unu	de Is (unu)
3ª plural	they; them; their	dem	dem; dey

Fonte: Adaptado de Slade (2018)

O quadro seguinte ilustra a versatilidade funcional do som /ai/ no *Dread Talk*, evidenciando sua utilização tanto em funções pronominais quanto como elemento substitutivo em diversas categorias lexicais.

Quadro 5. Usos do som /ai/

FUNÇÃO PRONOMINAL		
<i>Dread Talk</i>	Inglês padrão	Tradução
<i>ai an ai taakin tu di ai ier an telin di man dat di king av kingz liiv diiz dakument ier</i>	<i>I have been talking to this man and telling him that the king of kings has left these documents here</i>	Tenho conversado com esse homem e lhe dito que o rei dos reis deixou estes documentos aqui
<i>far ai an ai ier stil av bin maaterd ai an ai nuo ai duo waant gon</i>	<i>For although I have been martyred here, I know I don't want a gun</i>	Pois, embora eu tenha sido martirizado aqui, eu sei que não quero uma arma
SUBSTITUTIVO DO SOM INICIAL		
<i>Dread Talk</i>	Inglês padrão	Tradução
<i>iz widin aiowa now dat ai gwaan get nalij</i>	<i>It is in our time now that you will get knowledge</i>	É no nosso tempo, agora, que você vai obter conhecimento
<i>aidrin didn di universiti kom among os aredi?</i>	<i>Bretheren didn't the University [representatives] come among us before?</i>	Irmãos, a Universidade [os representantes] não veio até nós antes?

Fonte: Adaptado de Pollard (1980)

Com esses processos, Slade evidencia que o *Dread Talk* não apenas cria palavras novas, mas reorganiza, em seu repertório, o léxico e a gramática do inglês e do crioulo jamaicano. Ao privilegiar o /ai/ como marcador sonoro e simbólico, o registro transforma seus atos de fala emblemáticos em afirmação de agência, espiritualidade e coletividade.

4.3. Schrenk: fenômeno positivo-negativo e correspondência fono-semântica

Enquanto Pollard destacou categorias de inovação e Slade sistematizou princípios produtivos como *overstanding* e *I-formation*, Havenol Schrenk (2015) mostra que o *Dread Talk* também se ancora em uma ideologia lexical específica: o chamado fenômeno positivo-negativo. Segundo esse princípio, cada palavra carrega elementos positivos ou negativos, e a manutenção de elementos negativos dentro de um termo gera um conflito semântico que precisa ser corrigido. A ideologia linguística, aqui, parte diretamente da filosofia Rastafari de que sons não são neutros, mas veículos de valores espirituais e sociais.

A aplicação sistemática desse fenômeno resulta em substituições lexicais específicas que refletem os valores ideológicos da comunidade rastafari. Por exemplo, o termo *sleep* é rejeitado porque “o sono significa morte. São os mortos que dormem” (Schrenk, 2015, p. 279), sendo substituído por *res* (*rest*) ou *aits-op* (*heights-up*). De modo similar, *hello* (oi) é considerado inadequado devido à presença de *hell* (inferno), conforme explicado pelos informantes de Schrenk: “O inferno é um lugar muito baixo [...] Nós não iremos para o inferno, porque apenas pessoas más vão para o inferno” (p. 279). Essas substituições não representam meras preferências estilísticas, mas constituem manifestações concretas de uma ideologia de resistência ao colonialismo linguístico.

O fenômeno positivo-negativo não opera apenas como substituição lexical, mas como filtro ideológico que organiza a própria fonologia. Um informante de Schrenk (2015, p. 289) explica: “It is not a problem with the word as much as it is a problem with the sound of the word. Words leave a psychological impression on the mind. When you change the word, you change the psychological impression.” (“Não é tanto um problema com a palavra em si, mas sim com o som da palavra. As palavras deixam uma impressão psicológica na mente. Quando você muda a palavra, você muda a impressão psicológica.”) A sonoridade torna-se, assim, critério de aceitabilidade: palavras que evocam impressões negativas precisam ser reformuladas para se tornarem “morfologicamente puras” ou “harmoniosas”.

Schrenk descreve ainda um segundo mecanismo, a correspondência fonosemântica, em que termos do inglês são reinterpretados a partir de semelhanças sonoras percebidas com outros itens do crioulo jamaicano. Essa reanálise não precisa ser linguisticamente “válida”: basta que o falante reconheça uma associação fonológica plausível e a projete como nova significação. Um caso emblemático é o de *July*. O mês é valorizado pelos Rastafari como data de nascimento de Haile Selassie, mas, ao ser reinterpretado fonologicamente como *June-lie* (/djuun-lai/), gera conflito pela presença do elemento *lie* (“mentira”). A solução é criar *June-truth* (djuun-tchuut), forma que preserva a reverência a julho, mas elimina a conotação negativa, enfatizando a ideia de verdade.

Esse processo demonstra que, no *Dread Talk*, a ideologia Rastafari também reorganiza a relação entre som e sentido. Ao contrário da visão ocidental de arbitrariedade do signo, o registro opera segundo uma lógica motivada, em que a fonologia precisa se alinhar a valores positivos. Como nos casos analisados por Pollard e Slade, trata-se de escolhas linguísticas que são, ao mesmo tempo, comentários metapragmáticos eficazes: recusam sons associados à morte, ao engano ou à opressão e constroem alternativas que indicam vitalidade, clareza e emancipação espiritual.

| Conclusão

A análise das contribuições de Pollard, Slade e Schrenk revela que o *Dread Talk* não pode ser reduzido a um jogo de palavras. Ao contrário, trata-se de um registro sociolinguístico sistemático, forjado em um processo de enregistramento: práticas inicialmente locais e restritas tornaram-se reflexivamente reconhecidas, comentadas e amplamente circuladas como um modo de falar distintivo, indicando valores Rastafari de espiritualidade, resistência e coletividade. Essa consolidação mostra que o *Dread Talk* é, ao mesmo tempo, produto da história colonial jamaicana e resposta ativa a ela, ao transformar a língua em arena de crítica e emancipação.

Do ponto de vista marxista, o *Dread Talk* materializa a dimensão da linguagem como signo ideológico, em que a luta de classes se condensa em escolhas lexicais, fonológicas e gramaticais. Ao rejeitar formas associadas à morte, ao engano ou à subordinação, e ao substituí-las por alternativas que evocam vitalidade, clareza e dignidade, o *Dread Talk* atua como contradiscurso, que rompe com os valores da ordem colonial e capitalista. Ele mostra que a língua, longe de ser neutra, é campo de disputa e reconfiguração de sentidos, em que as contradições históricas se refratam e podem ser reorientadas.

Já sob a perspectiva da antropologia linguística, o *Dread Talk* exemplifica como registros emergem da articulação entre pragmática e metapragmática: não apenas pela inovação formal, mas pela reflexividade dos falantes que comentam, criticam e ressignificam os recursos linguísticos à luz de ideologias específicas. Como no caso do *Received Pronunciation* analisado por Agha (2003), o *Dread Talk* evidencia que o valor social da linguagem se sedimenta em práticas discursivas, instituições e comentários públicos. Mas, ao contrário do RP – convertido em símbolo de prestígio e posição superior na hierarquia social –, o *Dread Talk* foi enregistrado como registro de resistência e autoridade local, emblema de um projeto coletivo de descolonização cultural e linguística.

O *Dread Talk* é, portanto, uma prática comunicativa agentiva: ele não apenas reflete desigualdades históricas, mas intervém nelas, oferecendo um repertório de formas que materializam uma filosofia de resistência e esperança. Como registro, ele reconfigura a própria noção de sujeito, deslocando o “me” passivo e acusativo para o “I” coletivo, espiritualizado e ativo. Como prática social, ele denuncia a opressão colonial e capitalista, ao mesmo tempo em que projeta alternativas de vida e de sociabilidade. Como signo ideológico, ele mostra que a luta de classes se trava também na arena da linguagem, onde sons e palavras podem ser armas simbólicas.

O *Dread Talk* pode, assim, ser lido à luz de uma sociolinguística da esperança (Silva; Lee, 2024) ou dos letramentos de reexistência (Souza, 2011), isto é, a partir de abordagens que não apenas diagnosticam formas de opressão inscritas na linguagem, mas que também acompanham como sujeitos em contextos de desigualdade reorientam recursos comunicativos para projetar futuros alternativos. Nesse sentido, a esperança não é concebida como crença ingênua num futuro melhor, mas como prática de reorientação do conhecimento (Miyazaki, 2004; ver também Borba, 2019; Silva; Mariani; Lee, 2024), em que o passado violento do colonialismo e da escravidão é reelaborado em signos que apontam para vitalidade e trabalho coletivo. O *Dread Talk* mostra que a língua não apenas reflete desigualdades históricas, mas também abre caminhos de criação e reexistência, oferecendo gramáticas de vida diante da necropolítica (Mbembe, 2016). Assim, permanece em aberto a tarefa analítica de explorar, em perspectiva comparativa, os modos pelos quais registros de resistência podem ser reorientados como registros de esperança em outros contextos históricos e sociais – na diáspora africana, nas periferias urbanas ou em movimentos sociais contemporâneos.

| Referências

AGHA, A. The social life of cultural value. **Language & communication**, v. 23, n. 3-4, p. 231-273, 2003.

AGHA, A. **Language and social relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

AGHA, A. Tropes of slang. **Signs and Society**, v. 3, n. 2, p. 306-330, 2015.

ARENDS, J. The socio-historical background of creoles. *In*: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (ed.). **Pidgins and creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 15-24.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BAKAN, A. B. **Ideology and class conflict in Jamaica: the politics of rebellion**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1990.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 71-210.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução, notas e posfácio de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. **Voices of modernity: language ideologies and the politics of inequality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BORBA, R. Injurious signs: the geopolitics of hate and hope in the linguistic landscape of a political crisis. *In*: PECK, A.; STROUD, C.; WILLIAMS, Q. (ed.). **Making sense of people and place in linguistic landscapes**. Londres: Bloomsbury, 2019. p. 161-182.

BORBA, R. Enregistering "gender ideology" The emergence and circulation of a transnational anti-gender language. **Journal of Language and Sexuality**, v. 11, n. 1, p. 57-79, 2022.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996. v. 116.

BRATHWAITE, E. K. **The development of creole society in Jamaica, 1770-1820**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

BRIGGS, C. L. Mediating infanticide: theorizing relations between narrative and violence. **Cultural Anthropology**, v. 22, n. 3, p. 315-356, 2007.

BUCKNOR, M. A. The sounds of resistance: dub poetry, postcoloniality and the performance of protest. **Anglistica**, Napoli, v. 15, n. 2, p. 39-54, 2011.

CALVET, L. J. **Lingüística y colonialismo**: breve tratado de glotofagia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

CHEVANNES, B. **Rastafari**: roots and ideology. Syracuse: Syracuse University Press, 1994.

CLAMPETT, A. **Jamaican creole**: a morphological and syntactic analysis. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Oslo, Oslo, 2011.

CRONON, E. D. **Black Moses**: the story of Marcus Garvey and the universal negro improvement association. Madison: University of Wisconsin Press, 1955.

DECAMP, D. Toward a generative analysis of a post-creole speech continuum. *In*: HYMES, D. (ed.). **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 349-370.

DURANTI, A. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 24-32.

ERIKSEN, T. H. Creolization in anthropological theory and in Mauritius. *In*: STEWART, C. (ed.). **Creolization**: history, ethnography, theory. New York: Routledge, 2019. p. 153-177.

FARQUHARSON, J. T. The black man's burden? Language and political economy in a diglossic state and beyond. **Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik**, v. 63, n. 2, 2015.

GAL, S.; IRVINE, J. **Signs of difference**: language and ideology in social life. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GARDNER, W. J. **A history of Jamaica from its discovery by Christopher Columbus to the Year 1872**. London: Frank Cass, 2005.

GRILLO, S. V. C. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. *In*: VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.

GRITZNER, J. H. **Jamaica**. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HANKS, W. F. **Language and communicative practices**. Boulder: Westview Press, 1996.

HENRIQUES, F. **Family and colour in Jamaica**. London: Eyre & Spottiswoode, 1953.

HIGMAN, B. W. **Plantation Jamaica, 1750-1850**: capital and control in a colonial economy. Kingston: University of the West Indies Press, 2005.

HOMIAK, J. P. Dub history: soundings on rastafari livity and language. *In*: CHEVANNES, Barry (ed.). **Rastafari and other African-Caribbean worldviews**. London: Macmillan, 1995. p. 127-181.

HYMES, D. **Foundations in sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

IRVINE J.; GAL, S. Language Ideology and Linguistic Differentiation. *In*: KROSKRITY, P. (org.). **Regimes of language**: ideologies, politics, and identities. Santa Fe: American Research Press, 2000. p. 35-84.

KING, S.A. **Reggae, rastafari, and the rhetoric of social control**. Jackson: University Press of Mississippi, 2002.

KROSKRITY, P. V. Language ideologies – evolving perspectives. *In*: JASPERS, J.; ÖSTMAN, J.-O.; VERSCHUEREN, J. (ed.). **Society and language use**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 192-211.

KROSKRITY, P.V. Language ideologies: evolving perspectives. *In*: KROSKRITY, P.V. (ed.). **Language ideologies**: practice and theory. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 1-42.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 8-23.

MANGET-JOHNSON, C. A. **Dread talk**: the rastafarians' linguistic response to societal oppression. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Geórgia, 2008.

MARTIN, T. **Race first**: the ideological and organizational struggles of Marcus Garvey and the universal negro improvement association. Westport: Greenwood Press, 1976.

MARTÍN MATAS, A. Dub poetry: una revolución literaria. **Cuadernos del Ateneo**, La Laguna, n. 18, p. 71-78, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MINTZ, S. W. **Three Ancient Colonies**: caribbean themes and variations. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

MIŠTINA, J. **From Babylon to Zion**: rastafarian language as a manifestation of resistance and revitalization. 2016. Dissertação (Mestrado em Filologia Inglesa) – Masaryk University, Brno, 2016.

MIYAZAKI, H. **The method of hope**: anthropology, philosophy, and Fijian knowledge. Stanford: Stanford University Press, 2004.

MOITA LOPES, L. P. **O português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

OLIVEIRA, G. M. Política linguística na e para além da educação formal. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 87-94, 2007.

PATRICK, P. L. **Urban jamaican creole**: variation in the mesolect. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

POLLARD, V. Dread talk: the speech of the rastafarians of Jamaica. **Caribbean Quarterly**, v. 26, n. 4, 1980.

POLLARD, V. **Dread Talk**: the language of rastafari. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2000.

POLLARD, V. Sound and power: the language of the Rastafari. *In*: MAKONI, S.; SMITHERMAN, G.; BALL, A. F.; SPEARS, A.K. (org.). **Black Linguistics**: language, society, and politics in Africa and the Americas. London: Routledge, 2003.

RADICS, G.; KELEMEN, J. Directions for a marxist linguistics. **Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae**, Budapest, v. 38, n. 1/4, p. 167-176, 1988.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROCHA, F.G. Raça e classe na gestão da população: a importância da obra de Clóvis Moura. **Lua Nova**, São Paulo, n. 93, p. 201-232, 2013.

SATO, C. Substratum, superstratum, and universals in creole genesis: evidence from jamaican creole. *In*: BYRNE, F.; HUEBNER, T. (ed.). **Development and structures of creole languages**: essays in honor of Derek Bickerton. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 183-205.

SCHIFFMAN, H. F. **Linguistic culture and language policy**. London: Routledge, 1996.

SCHRENK, H. M. The positive-negative phenomenon and phono-semantic matching in rasta talk. *In*: NASSENSTEIN, N.; HOLLINGTON, A. (org.). **Youth language practices in africa and beyond**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

ŠILBERSKÝ, J. **The rastafari movement and its theology of liberation**. 2011. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Charles University, Praga, 2011.

SILVA, D. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 14, n. 1, p. 67-84, 2014.

SILVA, D. Papo Reto: The politics of enregisterment amid the crossfire in Rio de Janeiro. **Signs and Society**, v. 10, n. 2, p. 239-264, 2022.

SILVA, D.; LEE, Jerry W. **Language as hope**. Cambridge University Press, 2024.

SILVA, D. N.; MARIANI, L.; LEE, J. W. Hope as a local practice. **Language in Society**, v. 53, n. 5, p. 791-812, 2024.

SILVERSTEIN, M. Shifters, linguistic categories, and cultural description. *In*: BASSO, K.H.; SELBY, H.A. (ed.). **Meaning in anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976. p. 11-55.

SILVERSTEIN, M. Language structure and linguistic ideology. *In*: CLYNE, P.R.; HANKS, W. F.; HOFBAUER, C. L. (ed.). **The elements: a parasection on linguistic units and levels**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p. 193-247.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. *In*: LUCY, J.A. (ed.). **Reflexive language: reported speech and metapragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 33-58.

SLADE, B. Overstanding Idren: Special Features of Rasta Talk Morphology. **Journal of pidgin and creole languages**, Amsterdam, v. 33, n. 2, p. 280-306, 2018.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STORR, J. Dread talk and thoughts: beyond creolization and passive resistance. **A Journal of the Caribbean & Its Diasporas**, v. 5, n. 1, 2002.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 2023.

TROUILLOT, M.-R. Culture on the edges: creolization in the plantation context. **Plantation Society in the Americas**, Baton Rouge, v. 5, n. 1, p. 8-28, 1998.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

WESTPHAL, M. F. V. Realization of verbal inflection in jamaican creole. **Folia Linguistica**, Berlin, v. 49, n. 2, p. 501-544, 2015.

WILLIAMS, E. **Capitalism and Slavery**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2012.

WILSON, P. J. **Crab Antics**: a caribbean case study of the conflict between reputation and respectability. Long Grove: Waveland Press, 1998.

WOOLARD, K. A. Introduction: language ideology as a field of inquiry. *In*: SCHIEFFELIN, B. B.; WOOLARD, K. A.; KROSKRITY, P. V. (ed.). **Language ideologies**: practice and theory. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 3-47.

ZAJAÇ, M. **Rastafari**: dread and redemption. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Jagiellonian University, Cracóvia, 2011.

Como citar este trabalho:

MARTIM, Marcos Vinícius; SILVA, Daniel Nascimento e. Língua e luta de classes: o Dread Talk como registro sociolinguístico de resistência. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 193-221, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 12/08/2024 | Aceito em: 14/09/2025.

Submetido em: 15/08/2024 | Aceito em: 14/09/2025.